

Nair de Nazaré Castro Soares  
Santiago López Moreda  
Coordenação



énese e  
Consolidação da  
Ideia de Europa

Vol. IV  
Idade Média e Renascimento



• COIMBRA 2009

**A MATRIZ CRISTÃ EUROPEIA:  
O PRÓLOGO DA TRAGICOMÉDIA *IOSEPHUS*  
DO P.<sup>o</sup> LUÍS DA CRUZ, S. J.**

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO  
*Universidade Portuguesa – Braga*

Muito provavelmente em 1574, o Real Colégio das Artes, em Coimbra, havia de acolher a representação da tragicomédia *Iosephus*; contudo, só em 1605, nos prelos de Horácio Cardon, situados na cidade francesa de Lião, sairia a lume, integrada nos *opera omnia* do Pe. Luís da Cruz, S. J., (1543-1604)<sup>1</sup>, um dos autores mais representativos do teatro neolatino em Portugal.

---

<sup>1</sup> A sua morte terá ocorrido a 18 de Julho de 1604, em Coimbra. Cf. *Synopsis / annalium / societatis jesu / in / Lusitania / ab / Anno 1540 / usque ad / Annum 1725. / Authore / R. P. Antonio Franco / Societatis ejusdem / sacerdote. / Augustae-Vindelicorum e Graecii. / Sumpibus Philippi, Martini, et Joannis Veith, Haeredum. I Anno MDCCXXVI*, p. 185; António Franco, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Porto, 1931, p. 394; Iosephus Fejér, *Defuncti primi saeculi societatis jesu (1540-1649)*. Pars II. «Assistentia Hispaniae, Lusitaniae et – ab anno 1608 – Galliae. Romae, 1982, p. 57; Carlos Sommervögel, *Bibliothèque de la Compagnie*. Tomo II. Bruxelles – Paris, 1890, col. 1709; *Monumenta Brasiliae siue Complementa Azevediana (1539-1565)*, por Serafim Leite, S. J., Vol. V. Roma, 1968, p. 158, nota 51.

A exactidão destas datas é questionada pelo P.<sup>o</sup> Aloys de Backer (Cf. *ibid.*), que se apoia na carta dirigida a Horácio Cardon, pelo próprio Luís da Cruz e datada de 1 de Dezembro de 1604: «*Ex collegio nostro Conimbricensi Calend. Decembrib. CIC ICCIII*» (*Tragicae comicaeque actiones, a regio artium collegio societatis iesu*. Datae conimbricae in publicum theatrum; autore Ludouico Crucio, eiusdem Societatis, Olisiponensi: nunc primum in lucem editae et sedulo diligenterque recognitae. Cum priuilegio. Lugduni, apud Horatium Cardon, 1605, \*2v).

O historiador da Companhia de Jesus, FRANCISCO RODRIGUES, chega a alvitrar a hipótese de ter sido alterada a data por quem a enviou ao impressor Horácio Cardon; não esquece, ainda, a possibilidade dum erro de impressão (Cf. *História da Companhia* cit. T. II/2. Porto, 1938, p. 70, nota 1). A partir de 1590, os registos dos catálogos apontam insistentemente o motivo próximo da sua morte: a gota (Cf. ARSI, *Lus. 44-I*, 25kv (Maio, 1590), 74r (Abril, 1593), 137v (Abril, 1597) e 175r (Abril, 1603). Luís da Cruz terá falecido a 18 de Julho, em Coimbra; contudo, fontes há que apontam dois dias antes, mais exactamente no dia dezas-

Trata-se de uma peça de teatro que vem à luz em época tridentina e de Contra-Reforma, integrando-se no teatro escolar de tema bíblico que conheceu dimensão europeia; impõe-se, deste modo, o seu papel pedagógico, fundamental na formação integral humana e na veiculação proselitica da mensagem cristã<sup>2</sup>.

O *Iosephus* de Luís da Cruz, que se inspirou na história bíblica de José, prossegue nesta linha. Trata-se de uma tragicomédia dividida em cinco actos<sup>3</sup>, como as tragédias de Séneca, tão em voga no teatro humanístico<sup>4</sup>, até mesmo no de inspiração bíblica<sup>5</sup>.

---

seis: «... Decessit Conimbricæ 16 julii anni 1604, ætatis suæ 62.» (Cf. ARSI, *Lus.* 58-I, 228r-v). Em Abril do ano anterior, tinha sessenta anos (Cf. ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 175r); assim, Luís da Cruz terá nascido em 1542, e não em 1543. Outras fontes apontam para a mesma possibilidade: ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 25kv regista 48 anos em Maio de 1590; ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 137v, regista 55 anos.

Segundo um outro registo, Luís da Cruz teria falecido dois dias antes, mais exactamente no dia dezasseis: «... Decessit Conimbricæ 16 julii anni 1604, ætatis suæ 62.» (Cf. ARSI, *Lus.* 58-I, 228r-v). Em Abril do ano anterior, tinha sessenta anos (Cf. ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 175r); assim, Luís da Cruz terá nascido em 1542, e não em 1543. Outras fontes apontam para a mesma possibilidade: ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 25kv regista 48 anos em Maio de 1590; ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 137v, regista 55 anos.

<sup>2</sup> O teatro jesuítico, que nasceu por imperativos didácticos, aos quais associou, com êxito, objectivos de instrução e éticos junto do público, pode encontrar as suas raízes no *Christus* de Coriolano Martirano que surge como símbolo da convergência feliz dos humanistas com o teatro clássico e cristão: «Ma il supposto incontro del *Christus* con il pubblico, non è che l' inizio d' un rapporto che i nuovi autori tragici della scuola Gesuitica stanno per istituire, cominciando da quel Collegio Mamertino in Messina che, dal' 51, diventa il primo centro teatrale attivo del Meridione d'Italia grazie al padre Benedetto Palmio ed ai suoi successori.» (Federico Doglio, «Il teatro in latino nel cinquecento», in: *Il teatro classico italiano nel' 500*. Atti del convegno di Roma (Roma, 9-12 Febbraio 1969). Roma, 1971, pp. 195-196, que cita B. Soldati, *Il Collegio Mamertino e le origini del teatro Gesuitico*. Torino, 1908).

<sup>3</sup> Esta regra é consagrada na *Arte Poética* (vv. 189-190) de Horácio, cuja origem pode ser a *Poética* (1452b 14-27) de Aristóteles, que divide a tragédia em quatro partes: prólogo, episódios, êxodo e coros intermédios. Esta divisão deve ter surgido já na época helenística, na escola de Teofrasto (Cf. G. E. Duckworth, *The nature of Roman comedy*. Princeton, 1952, p. 98-101).

A *Poética* de Aristóteles foi traduzida para latim por Jorge Valla em 1498 e editada em Veneza, nas oficinas de Aldo Manúcio, em 1508, por João Láscaris.

Segundo François Bertieaux, as tragédias representados durante o ano escolar tinham apenas três actos; a tragédia de cinco actos estava reservada para a cerimónia de distribuição de prémios. Por outro lado, enquanto estas eram representadas pelos alunos de retórica, já aquelas eram interpretadas pelos alunos da segunda classe (Cf. *Le théâtre didactique des Jésuites. Objectifs pédagogiques et réalisations. Conformité et contradiction avec les préceptes de base*. Louvain, 1982, p. 56. Esta obra é um manuscrito que se encontra no ARSI, com a cota *Hist. Soc. III.101*).

<sup>4</sup> Foram dois mestres bordaleses que actualizaram, em Coimbra, o hábito do teatro escolar novilatino, de raiz bíblica: o escocês Jorge Buchanan, que escreveu duas tragédias originais, de assunto religioso, *Jephthes* e *Baptistes*, e o bracarense Diogo de Teive, que

Embora siga praticamente o relato do *Génesis* – excepto os capítulos 38, 48, 49 e 50<sup>6</sup> –, o dramaturgo jesuíta permitiu-se algumas liberdades imaginativas que muito valorizaram o seu *Iosephus*, uma das obras mais representativas da sua produção teatral.

Com nítida inspiração em Santo Inácio de Loiola, partindo duma visão universalista do mundo, onde campeia o erro e a impiedade, Abraão é escolhido para seu salvador. Raquel conceberá e dará à luz José, filho de Jacob. Arrimo da velhice de seu pai, e filho dilecto, vai concitar os ódios dos irmãos, que o atiram a uma cisterna. Segue-se um animado repasto em que Judá aconselha os irmãos a que o retirem deste local de pena de morte e o vendam a uns comerciantes ismaelitas, que viram entretanto aproximar-se. A túnica ensanguentada, que levariam ao pai, dissimularia o crime perpetrado. Foi revendido a Putifar, intendente do Faraó do Egipto. Após provações várias, abeirar-se-á do Faraó para lhe decifrar o sonho das sete vacas gordas e das sete vacas magras. Vitorioso, por influência divina, é compensado com a nomeação para administrador do Império. Uma grande fome alastra por todo o orbe e José começa a ficar inquieto com a sorte da sua família. A casa de Jacob não fica imune e os seus irmãos dirigem-se aos celeiros egípcios. José reconhece-os,

---

escreveu as tragédias *David e Judite*, até hoje perdidas, e *David ou Golias*, levado à cena nos claustros do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, a 16 de Março de 1550. De temática nacional, este humanista português escreveu a *Ioannes Princeps Tragoediae* (Nair de Nazaré Castro Soares, *Tragédia do Príncipe João de Diogo de Teive*. Coimbra, 1977). Entre os jesuítas, os grandes continuadores desta tradição na Península Ibérica, o primeiro mestre foi o Pe. Miguel Venegas (Cf. Américo da Costa Ramalho, «Humanismo em Portugal», in: *I Congresso da APEC. Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa – Actas*. Coimbra, 1999, pp.147-160, maxime p. 153; Luís de Sousa Rebelo, *A tradição clássica na literatura portuguesa*, 1982, pp. 169-170).

<sup>5</sup> O ambiente cultural de Coimbra, centro do saber do Portugal de Quinhentos, onde se havia formado o dramaturgo Pe. Luís da Cruz, era bem o reflexo do magistério e até do convívio de grandes mestres europeus. Vide SENECA, *Tragédias*, introdução, tradução e notas de Jesus Luque Moreno, Madrid, 1979.

<sup>6</sup> O capítulo 38 relata-nos a história de Judá – Tamar, um episódio da família de Judá. No capítulo 48, Jacob ficou doente e José apresta-se para o ir visitar, na companhia dos seus filhos, Manassés e Efraim. Jacob vai adoptá-los como seus filhos, herdeiros das promessas paternas, se bem que a sua preferência vá para Efraim, o filho mais novo, pois «a sua prosperidade converter-se-á numa multidão de nações» (48.19). O capítulo 49 vai revelar-nos o futuro que Jacob vaticinou para cada um dos seus filhos. No capítulo seguinte, primeiro Jacob, e depois José, ambos serão sepultados em terras de Canaã: «Sepultaram também em Siquém os ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido do Egipto, na porção de terra que Jacob tinha comprado aos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de prata, e que se tornou propriedade dos filhos de José.» (*Jos.* 24.32)

Claude-Henry Frêches apenas faz menção aos capítulos 38 e 49, o que é manifestamente pouco (Cf. *Le théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*. Paris-Lisboa, 1964, p. 361).

num ambiente hostil aos Judeus. Ordena que venham à sua presença e dirijam-lhes palavras amargas. Mas a caridade e o amor fraterno vencerão velhos ódios e José revelar-se-á aos irmãos, abraçando-os. O Faraó permitirá, por fim, a união da família de José em solo egípcio.

Esta peça de teatro principia com um prólogo<sup>7</sup>, de tradição clássica, apresentando-nos o drama de José do Egípto no contexto da história da salvação. O mundo afastou-se de Deus que, na sua misericórdia, se apresta para lhe enviar o Salvador, seu Filho Jesus Cristo. O percurso terreno havia de se afigurar semelhante ao do patriarca José, filho de Jacob<sup>8</sup>.

Quatro personagens alegóricas vão protagonizar um diálogo vivo: o Arcanjo S. Miguel e os Anjos da Guarda da Europa, África e Ásia. A quarta personagem é o diabo, apelidado Cacodémon. A missão destes Anjos, mensageiros de Deus, é levar os homens ao conhecimento do Altíssimo, enquanto Cacodémon procura a sua perdição. Em vão atenta este contra José, o eleito.

A primeira cena (vv. 1-58) é preenchida pelo diálogo entre o Arcanjo S. Miguel e o Anjo da Guarda da Europa, que se intitula o protector de uma Europa de timbre guerreiro:

Qui bellicosam praepes Europam Deo  
Iubente custos seruo, peragraui cito  
Harum uolatu gentium prouincias.

'Eu sou o Anjo da guarda que, por ordem de Deus, protejo a Europa belicosa; num voo, percorri, rapidamente, os vastos territórios dos seus povos.'<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Se bem que, excepção feita à écloga *Polycronius*, as obras dramáticas de Luís da Cruz apresentem um prólogo, uma reminiscência do teatro greco-latino, v. g., Eurípides, Plauto e Terêncio, eram raras as representações jesuíticas que o apresentavam (cf. François Bertieaux, *Le théâtre didactique...* cit., pp. 56-57). Porém, Miguel Venegas também faz preceder as produções teatrais de um prólogo, se bem que haja uma pequena diferença: enquanto a *Achabus* e a *Absalon* o têm incluso no início do Acto I, em *Saul Gelboeus* ele apresenta-se distinto, antes do Acto I, à maneira de Luís da Cruz.

<sup>8</sup> Com efeito, a tradição da Igreja apresenta-nos o patriarca José como uma *praefiguratatio Christi*. O movimento da Contra-Reforma, cuja *ecclesia militans* tomou Cristo como garantia da salvação, encontra marcada expressão nas *bonnae litterae* [Vide Jorge Borges de Macedo, «Livros impressos em Portugal no séc. XVI. Interesses e formas de mentalidade», *Arquivos do Centro Cultural Português*, IX – *Homenagem a Marcel Bataillon*. Paris, 1975, p. 214 e sqq. e J. S. Silva Dias, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1960]. Esta tradição radica no Antigo Testamento. Inspirado na revelação de Deus e no advento do Salvador, as suas narrativas profetizam episódios da vida de Jesus Cristo: Caím e Abel, Abraão e Isaac, Moisés, José, David e Golias, Salomão.

<sup>9</sup> Cf. Prol. 01.01-03. Todas as citações são feitas a partir da edição crítica: António Maria Martins Melo, *O Pe. Luís da Cruz, S. J. e a tragicomédia Iosephus*. Tomo II. Edição crítica. Braga, Faculdade de Filosofia, 2001, pp. 335. Edição policopiada.

A observação atenta deste vasto território deixa-o preocupado, pois os povos afastaram-se de Deus e adoram os rochedos e troncos de árvores; vivem subjugados pelo erro e pelo crime:

Velox adiui uasta terrarum sola,  
Qua uorticosus Tanais in Pontum fluit:  
Adusque pelagi limitem terrae ultimas  
Lambentis oras. Error, impietas, scelus  
Commune repit. Lumen illud luminum,  
Haustum a parente, flagitia mortalibus  
Paene abstulerunt. Saxa diuinis colunt  
Truncosque placant ligneos honoribus.  
Et te relinquunt alme Regnator poli  
Animose ductor, laurea cuius micat  
Victo Michael hoste uictrici caput:  
Dabiture finis aliquis his olim malis?

‘Veloz, visitei a vasta superfície da terra, por onde corre o rio Tánais, em direcção ao Ponto Euxino, até à fronteira do mar que banha as costas mais remotas da terra. O erro, a impiedade e o crime campeiam por toda a parte. Aquela luz das luzes, haurida de nossos primeiros pais, esses crimes quase a arrancaram aos mortais. Prestam culto aos rochedos e aos troncos de madeira veneram com honras divinas. E esqueceram-se de ti, Arcanjo Miguel, bom chefe e enérgico príncipe das milícias celestes. Vencido o inimigo, tua fronte resplandece com os louros da vitória. Haverá fim, algum dia, para estes males?’<sup>10</sup>

O Anjo da Guarda da Europa que abre, deste modo, o diálogo com o Arcanjo S. Miguel, deplora o afastamento de Deus desta gente laboriosa e suplica-lhe auxílio. E ao desencanto vai opor-se a esperança nas palavras do Príncipe dos Anjos:

Generose princeps, tutor Europae, tua  
Laetare sorte. Nunc tibi custodia  
Laboriosae gentis infandae grauat  
Humeros sceleribus. Tempus orietur suo  
Labente cursu sole, cum clarissimos  
Ages triumphos. Solus implebis loca  
Permulta caeli, uacua quae fecit nefas  
Rabidi Tyranni, fidus inuicta manu  
Quem depulisti signa bellantis Dei  
Mecum secutus. Orbis a fraude et dolo  
Tandem eximetur. Libera Europa et tibi  
Tunc ponet aras.

‘Ó nobre príncipe, protector da Europa, alegra-te com a tua sorte. Agora, a vigilância de gente que não dá tréguas na sua perversidade, sobrecarrega-te os ombros com seus crimes. Tem-

---

<sup>10</sup> Cf. Prol. 01.04-15.

po virá em que, no deslizar dos sóis, obterás retumbantes triunfos. Só tu ocuparás um grande número de lugares do Céu, que a impiedade do raivoso Tirano deixou vazios. Tu o destronaste com o braço invencível, seguindo fielmente comigo os sinais do Deus dos exércitos. Finalmente, o orbe libertar-se-á da perfidia e do engano. E assim, a Europa livre erguer-te-á altares.<sup>11</sup>

O Arcanjo S. Miguel, ilustre guia que Deus fez do mundo inteiro (*Inclyte Michael ducem/Siquidem per orbem te Deus totum dedit*, vv. 27-28), anima-o com a visão da futura capital da cristandade e mostra-lhe o local onde vai nascer a Cidade Eterna, Roma, que se implantará sob o signo da Verdade:

(...) Praepes animose euola  
Mecum per auras. Cernis illa horrentia  
Dumeta siluis? Inter umbrosum nemus  
Fluuium sonantem qua mare urget in ferum  
Obiecta sacra litori? Surget manu  
Illic potenti ciuitas, primum impia,  
Iura pietatis inde sed populi petent,  
Cum ueritati uanitas dederit locum,  
Nomen erit urbi Roma, Tibris, flumini.

‘Ó anjo magnânimo, voa comigo pelas alturas! Vês aqueles horrendos matagais? E o ressoar do rio, entre o umbroso bosque, por onde arremessa para o mar feroz os objectos sagrados lançados às suas margens? Erguer-se-á ali uma cidade com mão poderosa, que primeiramente fora infiel. Mas a seguir, os povos hão-de procurar os direitos da religião, logo que a credulidade der lugar à verdade. O nome da cidade será Roma, Tibre, o do rio.<sup>12</sup>

Verdade é fidelidade e, por isso, Deus não abandonará a humanidade, que vai reconduzir à Luz (da Verdade):

Dare coget ille rector aeterna poli  
De sede, qui gubernat humanum genus,  
Praesente qui tunc numine occurret malis  
Cum nulla fractis rebus apparet salus.  
Quondam sonoris imbribus terram obruit,  
Libidinis ut incendium restingueret.  
Iterum fauilla tartaro erumpens uocat  
Flammas priores. Attamen parcit Deus  
Aperire fontes nubium, undarum graui  
Ne mole condant misera terrarum sola.  
Diuina bonitas quippe decreuit uia  
Alia mederi rebus, et fundamina  
Salutis alto prima consilio locat.

<sup>11</sup> Cf. Prol.01.16-27.

<sup>12</sup> Cf. Prol.01.30-38.

'A ela (verdade) obrigará esse senhor do mundo, lá do seu trono eterno. É ele que governa a raça humana e com o seu poder e providência há-de acorrer então aos males, quando se não oferecer salvação alguma.

Outrora, aniquilou a terra com chuvas torrenciais, para extinguir o fogo das paixões. E as centelhas que irrompem do Tártaro de novo reacendem as antigas chamas. Entretanto, Deus contém o abrir das fontes das nuvens para não submergir com a mole imensa das águas o solo infelix da terra. É que a bondade divina decidiu dar remédio à situação por outra via e estabelecer, com alto desígnio, os primeiros alicerces da salvação.<sup>13</sup>

E anuncia que Deus escolheu a casa de Abraão para trazer a salvação aos homens, desta linhagem há-de nascer o Salvador, Jesus Cristo, filho de Deus (*Seruator hic est orbis*: v. 130). É para lá que se dirige o Arcanjo S. Miguel:

(...) Abrahami domum  
Me uisere iubet, quam sibi legit, ducem  
Vt inde terris omnibus magnum creet,  
Orci nigrantis quem canes saeui tremant,  
Homines secuti uerticem in caeli uolent.

'Ele ordena-me que visite a casa de Abraão, que elegeu para si, para nela se gerar o grande chefe de todas as nações. Diante dele, hão-de tremer os cães ferozes do negro Orco; os homens que o seguirem vão subir com ele até ao mais alto do Céu.<sup>14</sup>

Deste modo se vai fazendo a defesa da ortodoxia, em clara oposição às aspirações protestantes, sendo Roma apontada claramente como a capital da cristandade. Sede que se situa na Europa, o centro do mundo; por isso, foi o Anjo da Guarda da Europa que introduziu o prólogo e a ele se dirigiu, em primeiro lugar, o anúncio da salvação dos povos, em Jesus Cristo. Também agora é ele que vai abrir a segunda cena (vv. 59-140) e apresentar os companheiros da grande Ásia e da região de África. A realidade continua a ser idêntica à da Europa. Na Ásia, prestam culto aos astros e ignoram a existência de Deus:

(...) Nemo tot Prouinciis  
Quot solis ortu flammeo ardentis calent,  
Attoli oculos. Luna, quam uersatili  
Orbis rotatu primus obuoluit, Dea  
Passim uocatur: clara quae praebet diem  
Iussu Tonantis flamma cultores habet  
Numero carentes. Astra quae noctem uago

<sup>13</sup> Cf. Prol.01.40-52.

<sup>14</sup> Cf. Prol.01.54-58.



Solantur atram lumine, innumeros sui  
Sortita cupidos, obtinent altaria.  
Ignotus horum conditor iacet Deus.

'Ninguém levanta o seu olhar em tantas províncias quantas as que são aquecidas pelos raios flamejantes do Sol nascente. A lua que o Orbe, na sua rota giratória, foi o primeiro astro a envolver, deusa é chamada por toda a parte. Com a claridade da sua luz dá origem ao dia por ordem do Omnipotente, tem um número incontável de adoradores. Os astros, que alegam a noite escura com a sua luz errante, têm os seus altares com inúmeros devotos. Deus, seu criador, permanece um desconhecido.<sup>15</sup>

Em África, a caminhada para a perdição é semelhante: reina a superstição. E, compadecido, o Anjo da Guarda manifesta uma grande preocupação pela condenação eterna dos povos desta região:

Deserta Lybies arua tenuerunt sua  
Babylone puls: qua per immensum uagi  
Spatium feruntur Africae nudae incolae,  
Et spectra regnant et superstitio uiget:  
Ab hoc propinquo fluminis Nili ostio,  
Ad illa uasta saxa purpurei freti.

'Expulsos da Babilónia, os Líbios viram os seus campos desertos: por lá são arrastados os habitantes errantes da árida África, através da imensidade do espaço. Reinam os fantasmas e campeia a superstição, desde a desembocadura próxima do rio Nilo até aos vastos rochedos do Mar Vermelho.<sup>16</sup>

Mais abaixo, narra a terrível perdição das nações africanas, sublinhada por uma expressiva hipérbole:

Sed tu Michael aliger celsissimae  
Honore frontis reuolat ! O nostri chori  
Laus prima, certis cuius auspiciis genus  
Pium, Tonantem debito cultu colit.  
Effare quando finis aut orbi, aut meis  
Dabitur querelis? Afra gens frustra meo  
Munita clypeo, uadit in stygios lacus  
Et feta flammis sempiternis Tartara.  
Quam densa pluuio grando de caelo cadit,  
Aquilone nubes quando Sarmatico rigent,  
Tam multa Barathri luridum in stagnum ruit  
Afris ab oris copia.

---

<sup>15</sup> Cf. Prol.02.61-70.

<sup>16</sup> Cf. Prol.02.71-76.

‘Mas como se eleva nos céus o veloz Miguel com a sua fronte aureolada de excelsa honra! Ó primeiro louvor do nosso coro, sob a tua resoluta autoridade, a raça dos piedosos adora com merecido culto o Deus do Universo!

Conta-nos, quando é que se porá fim ao mundo ou às queixas dos meus? A raça africana, em vão protegida com o meu escudo, precipita-se nos lagos infernais e no Tártaro prenhe de chamas eternas. Assim como o denso granizo cai do pluvioso céu quando as nuvens se entumecem com o vento Sarmático, assim é grande a multidão que, das costas de África, se precipita no pálido lago do Báratro.’<sup>17</sup>

Esta visão patética, uma enorme multidão africana que se precipita num inferno aterrador, é uma referência ao quinto exercício, a meditação do inferno, durante a primeira semana dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loiola. O 1.º Preâmbulo, na composição de lugar, propõe recriar, «com a vista da imaginação, o comprimento, largura e profundidade do inferno.» No 2.º Preâmbulo, reforça-se, ainda mais, o pormenor: «ver com a vista da imaginação, os grandes fogos e as almas como que em corpos incandescentes»<sup>18</sup>.

Num tom majestoso, claramente apelativo, que apóstrofes e interrogações retóricas intensificam, os Anjos da Guarda da Europa, da África e da Ásia narram ao Arcanjo S. Miguel os crimes que assolam toda a terra, a idolatria<sup>19</sup> e a superstição<sup>20</sup>. Num crescendo de intensidade discursiva, o Homem surge esmagado por crimes cometidos contra a sociedade (*scelus*)<sup>21</sup>, contra si próprio (*flagitia*)<sup>22</sup> e contra Deus (*nefas*)<sup>23</sup>; imperam os fantasmas (*spectra*)<sup>24</sup> e a vaidade (*uanitas*)<sup>25</sup>, o mundo está decadente (*cadenti*)<sup>26</sup>.

Esta visão universalista, nitidamente de inspiração inaciana, como já o afirmámos acima, radica na contemplação da Encarnação, no primeiro dia da segunda semana. O Pai, o Filho e o Divino Espírito Santo contemplan a face da terra, cheia de homens, que se precipitam nas chamas infernais. Misericordioso, Deus vai redimir o género humano, enviando-lhe o seu Filho, que vai

---

<sup>17</sup> Cf. Prol. 02.77-88.

<sup>18</sup> Cf. Inácio de Loiola, *Exercícios Espirituais*. Trad. do autógrafo espanhol pelo Pe. Vital Dias Pereira. Organização e notas de Francisco de Sales Baptista, S. J. Braga, <sup>3</sup> 1999, n.º 65 e 66, p. 51.

<sup>19</sup> Cf. Prol. 01.10-11. Este *topos* bíblico, recorrente no *Génesis*, também aparece na tragédia *Sedecias*, e. g., vv. 36-38; 599-600; 717-718.

<sup>20</sup> Cf. Prol. 02.74.

<sup>21</sup> Cf. Prol. 01.7.

<sup>22</sup> Cf. Prol. 01.9.

<sup>23</sup> Cf. Prol. 01.22.

<sup>24</sup> Cf. Prol. 02.74.

<sup>25</sup> Cf. Prol. 01.37.

<sup>26</sup> Cf. Prol. 02.132.

incarnar no seio da Santíssima Virgem. O Anjo da Guarda da Europa é o mensageiro da boa nova, confiante na misericórdia e no auxílio de Deus:

Deus est misericors, ipse flectetur malis,  
Humana quae gens patitur.

(...)

Ita misereri, et ferre praesidium, Dei est

(...)

O sacra mundo nascere cadenti hostia.

(...)

O sidus affer aureum terris diem

‘Deus é misericordioso, ele próprio se comoverá com os males de que a raça humana padece.’

(...)

Deste modo, é próprio de Deus ser misericordioso e prestar auxílio.

(...)

Ó vítima sagrada, nasce para este mundo em decadência!’

(...)

‘Ó sol, traz esse belo dia às nações!’<sup>27</sup>

Deus permitirá que o seu filho, por amor, se esconda na frágil urna do corpo humano (*recondi amoris ergo, filium/corporis in urna fragilis humana sinet*)<sup>28</sup>, os próprios Anjos se hão-de prostrar diante dele, pois aqueles que se recusaram por causa da sua insolência foram enviados para as cavernas do Tártaro, onde são castigados (*Qui nolueret prae sua insolentia, missi in caernas Tartari, poenas luunt*)<sup>29</sup>. E à pergunta do Anjo da Europa – ‘Quando brilhará o dia em que Deus revelará ao mundo a sua descendência?’ (*quando fulgebit dies/ostendet orbi quo suam prolem Deus?*)<sup>30</sup>, o Arcanjo S. Miguel introduz o espectador na intriga desta peça:

Iam lecta soboles, unde prodibit, suos  
Ramos propagat. Natus exemplum dabit  
Deus ipse uitae nobile futurum suae.  
Iosephus ore liberum pulcherrimus  
Quos ille genuit, ille Iacobus Pater,  
Fratrum suorum crimine repulsus domo  
Agetur exul; Barbaris emptoribus

<sup>27</sup> Cf. Prol. 01.53-54; 02.97, 132 e 135.

<sup>28</sup> Cf. Prol. 02.94-95.

<sup>29</sup> Cf. Prol. 02.106-107.

<sup>30</sup> Cf. Prol. 02.109-110.

Vendetur auro. Feminae mendacio  
Idem in catenas ibit, ac grandi fame  
Instante, uinclis eximet iuuenem Deus,  
Atque Pharaonis regis efficiet patrem.  
Seruator orbis ipse dicitur: suos  
Fratres uidebit ante se non cognitus  
Orare pacem rebus: *et* notus dabit  
Trepidis salutem. Talis Hebraea ab domo  
Tonantis olim genitus attollet caput.  
Ab inuidenti stirpe pelletur tamen,  
In mortis usque regna compulsus: iubar  
Rediuiuus omni lucidum sparget solo.  
Seruator hic est orbis. Hic est uictima,  
Quam nuper alto uidit Abrahamus iugo.

‘Já uma distinta geração, donde nascerá, perpetua a sua genealogia. O seu Filho dará o exemplo e o próprio Deus proporcionará um nobre futuro à sua vida.

José, o de mais belo aspecto dos filhos que Jacob, seu pai, gerou, repellido de casa pelo crime dos seus irmãos, viverá desterrado; será vendido por ouro a compradores bárbaros. Por causa da mentira duma mulher, irá para a cadeia, e, estando iminente uma grande fome, Deus há-de livrar este jovem da prisão e torná-lo pai do rei faraó. Ele próprio será chamado o Salvador do mundo. Sem se dar a conhecer, verá diante de si os irmãos, que pedem a paz para os seus haveres; e, reconhecido, dará a salvação aos oprimidos.

Um dia, da casa da Judeia, a tal geração do Omnipotente levantará a cabeça. Todavia, ele será rejeitado pela linhagem invejosa e impellido para os reinos da morte. Ressuscitado, espalhará a sua luz resplandecente por todo o mundo.

Este é o Salvador do mundo. Este é a vítima, que há pouco Abraão viu do alto do monte.<sup>31</sup>

José é o Salvador do mundo, a Verdade que todos esperam<sup>32</sup>. Ele é, como no-lo apresenta a tradição da Igreja, a *praefiguratio Christi*. O movimento da Contra-Reforma, cuja *ecclesia militans* tomou Cristo como garantia da salvação<sup>33</sup>, encontra marcada expressão nas *bonnae litterae*<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Cf. Prol. II.111-131.

<sup>32</sup> Vide Prol. II.95-96: «... permitirá que o seu Filho, por amor, se esconda na frágil urna dum corpo humano», que precede duma outra afirmação clara: «recordado, contudo, do frágil barro em que encerrou as almas» (Prol. II.94). Esta afirmação também estará correlacionada com a composição do lugar no primeiro exercício da primeira semana: «... Na invisível, como é aqui a dos pecados, composição será ver, com a vista imaginativa e considerar que a minha alma está encarcerada neste corpo corruptível e todo o composto neste vale, como que desterrado entre brutos animais. Digo todo o composto de alma e corpo» (Inácio de Loiola, *Exercícios...* cit., p. 42).

<sup>33</sup> Vide James A. Parente, *Religious drama and the humanist tradition. Christian theatre in germany and in the Netherlands*. Leiden – New York – Kobenhavn – Köln, 1987, p. 83.

É nesta atmosfera messiânica que se remata o prólogo, com a decisão do Arcanjo S. Miguel de enviar os seus anjos a anunciar a vinda do Salvador, que há-de pôr fim à barbárie que se propagou a todo o orbe:

Ergo ite uolucres aderit Europae suae,  
Asiaeque magnae, ac Africae felicitas.

‘Portanto, ide ligeiros, pois a felicidade há-de chegar à sua Europa, à grande Ásia e a África.’<sup>35</sup>

Está presente, neste excerto, a exigência da propagação da fé cristã, o ardor da missionação por terras de além-mar. Na meditação das duas bandeiras, já mencionada acima, que corresponde ao quarto dia da segunda semana, há um apelo muito forte para esta urgência: «Considerar como o Senhor do universo escolhe tantas pessoas: apóstolos, discípulos, etc., e os envia por todo o mundo a espalhar a sua sagrada doutrina por todos os estados e condições de pessoas»<sup>36</sup>.

A urgência do anúncio da Boa Nova a todos os povos, e da sua conversão, decorria das normas emanadas pelo Concílio de Trento, das Fórmulas do Instituto da Companhia de Jesus e da preparação próxima do Ano Santo de 1575<sup>37</sup>, o que conferia maior dignidade ao tema.

Gravidade maior lhe emprestava ainda a gesta lusa dos descobrimentos, que abriu perspectivas de expansão da cristandade. Sensibilizado pelas novas exigências, Inácio de Loiola respondeu positivamente ao apelo de D. João III, quando lhe enviou Simão Rodrigues e Francisco Xavier. Enquanto o primeiro permanecia em solo lusitano, Xavier partia para o Oriente, tendo chegado a Goa no dia 6 de Maio de 1542.

A obra missionária dos jesuítas havia de estender-se ao Brasil (Manuel da Nóbrega, em 1549; e José de Anchieta, em 1553<sup>38</sup>), à Etiópia (Nunes Barreto,

---

<sup>34</sup> Vide Jorge Borges de Macedo, «Livros impressos em Portugal no séc. XVI. Interesses e formas de mentalidade», *Arquivos do Centro Cultural Português*, IX – *Homenagem a Marcel Bataillon*. Paris, 1975, p. 214 e sqq. e J. S. Silva Dias, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1960.

<sup>35</sup> Cf. Pról. II.139-140.

<sup>36</sup> Cf. Inácio de Loiola, *Exercícios...* cit., n.º 145, 2.º Ponto, p. 43.

<sup>37</sup> O Ano Santo inicia-se no dia de Natal, com a abertura solene da Porta Santa, na Basílica de S. Pedro, em Roma.

O primeiro Ano Santo foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII, a 22 de Fevereiro de 1300, com a publicação da bula *Antiquorum habet*. Paulo II, pela bula *Ineffabilis Providentia*, de 19 de Abril de 1470, fixou a sua periodicidade em 25 anos.

<sup>38</sup> Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, numa organização conjunta do Instituto de Estudos Clássicos, do Instituto de Estudos Brasileiros e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, decorreu o Congresso Internacional *Anchieta em Coimbra – 450*

1556), a Angola (Francisco de Gouveia, em 1560), e à ilha de Moçambique (Gonçalo da Silveira, em 1560). Esta missão muito havia de ser favorecida pelos colégios: primeiro para os estudantes da Companhia, e mais tarde, também para os externos, hão-de favorecer este projecto apostólico-religioso de formação da juventude<sup>39</sup>. Era divisa de Inácio a formação integral do homem, que visava uma simbiose integradora da formação intelectual humanista com a educação moral cristã: «trata-se de integrar virtudes e letras, vida e ciência, conduta e saber»<sup>40</sup>. A atitude interventiva<sup>41</sup> da Companhia, neste contexto, privilegiou os aspectos didácticos e pedagógicos das representações teatrais. Com efeito, por ocasião das representações, reunia-se uma vasta plateia, oriunda de diferentes estratos sociais.

O tecto da Igreja de Sto. Inácio, em Roma, pintado pelo irmão jesuíta Andrea Pozzo, já no final da centúria seguinte (1691-1694), é bem o corolário da missão universal da Companhia: ide e inflamai o mundo. Iluminadas por Santo Inácio, quatro alegorias evocam os continentes triunfantes da idolatria e da heresia: a Europa, a África, a Ásia e a América<sup>42</sup>. Do fundador se projecta

---

anos. *Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*, de 25 a 29 de Outubro de 1998. As Actas foram publicadas em Dezembro de 2000, no Porto.

<sup>39</sup> Vide G. M. Pachtler, *Ratio studiorum et institutiones scholasticae Societatis Jesu per Germaniam olim vigentes*, Berolini, 1887-1894. Para a Escola Aquitânica, cujos mestres fundaram o Real Colégio das Artes em 1548, vide E. Vinet, *Schola Aquitanica*, Coimbra, 1941; Margarida Miranda, «Uma 'paideia' humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do séc. XVI», *Humanitas*, 48 (1996) 223-256; Dominique Julia, «Généalogie de la *Ratio Studiorum*», in: *Les jésuites à l'âge baroque (1540-1640)*, sous la direction de Luce Giard (CNRS) et Louis de Vaucelles, SJ., Grenoble, 1996, pp. 115-130; Mari Barbera, S.J., «Pedagogia e didattica della *Ratio*», *Rassegna di Pedagogia*, 57 (1999) 111-123; Manuel Pereira Gomes, «*Ratio studiorum* dos jesuítas: carisma, inovação, actualidade», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 55 (1999) 219-227; Eusebio Gil (edit.), *El sistema educativo de la Compañía de Jesus: la ratio studiorum*, Madrid, 1992; François Laplanche, «Réseaux intellectuels et options confessionnelles entre 1550 et 1620», in: *Les jésuites à l'âge baroque* cit., pp. 89-114.

<sup>40</sup> José Manuel Martins Lopes, *Projecto educativo dos colégios da Companhia de Jesus*. Braga, 1997, p. 54.

<sup>41</sup> «Apesar de não ser a expressão amorosa a intenção primeira destas tragédias – que quase poderiam chamar-se de intervenção –, a cada passo a intuição natural da psicologia humana se revela e dá lugar à luta de afectos entre as diversas personagens» (Nair de Nazaré Castro Soares, *Teatro clássico no séc. XVI. A Castro de António Ferreira*. Fontes – Originalidade. Coimbra, 1999, p. 220).

<sup>42</sup> Só a partir de 1593 é que os mapas começaram a registar *America*. No período anterior, encontramos duas modalidades de registo: *America siue India Noua* (até 1569) e *America siue Nouus Orbis* (depois de 1570).

A designação *America* deve-se ao nome do navegador florentino Américo Vespúcio. Com efeito, o humanista Martin Waldseemüller, no folheto *Cosmographiae Introductio*,

ainda um raio de luz sobre o brasão da Ordem (*Ad maiorem Dei gloriam*), transportado por um anjo, donde irradia o amor divino para outros anjos.

Mas o facho luminoso que Inácio partilha<sup>43</sup> emana da Santíssima Trindade, que se eleva ao centro, *super omnia*. O símbolo do madeiro da cruz identifica o Filho, Jesus Cristo. A maior glória de Deus atinge-se pelo conhecimento, amor e imitação de Jesus Cristo, pedra angular da mensagem evangélica para o Jubileu 2000 - Cristo: ontem, hoje e sempre.

Muitos anos antes, de forma semelhante «pintou» Luís da Cruz o universo teológico da *tragicocomoedia Iosephus*.

---

publicado em 1507, no dia 25 de Abril, em Saint Dié, havia de propor esta designação para o *Novus Orbis*, em honra do suposto descobridor.

<sup>43</sup> Cf. Klaus Schwager, «A Arte barroca», in: *História da Arte Larousse*, Lisboa, 1991, pp. 408-409. Aquando da nossa estadia em Roma, tivemos ocasião de observar *in loco* esta maravilha da pintura barroca.